

CAPITÃO SERPA SOARES

**ESTA É A VERDADE  
SÔBRE A CAVALARIA!!**



1941  
IMPRESA MODERNA, LTD.  
PÔRTO







CARLOS ALBERTO DE SERPA SOARES

CAPITÃO DE CAVALARIA

ESTA É A VERDADE  
SÔBRE A CAVALARIA!!



1941

IMPRESA MODERNA, LTD.  
RUA DA FÁBRICA, 80 - PÔRTO



CARLOS ALBERTO DE BRITO SCARLES  
CAPITÃO DE CAVALLARIA

ESTA É A VERDADE  
SOBRE A CAVALLARIA!!

1941  
IMPRESSÃO DE BREVETES, S. A.  
RUA DO COMENDADOR JOÃO DE ALMEIDA, 100 - RIO DE JANEIRO

Ao capitão de Cavalaria

ANTÓNIO DE BIVAR MOREIRA DE BRITO,

o homem que me fez Oficial de Cavalaria,

HOMENAGEM PÓSTUMA.



AD GLORIAM...



## *Esclarecendo*

*Seis pontos prévios*

*Como querem que eu amanhã, na guerra, faça o que devo fazer, se a valentia me não chegasse para, em paz, dizer o que penso?!*

*É por isso que eu digo o que digo.*

*O Oficial tem de ser um desportista — mas não pode ser sòmente um desportista; porque,*

*se ser desportista (material e anìmicamente) é condição essencial, necessária, indispensável, para a função — não é condição bastante, suficiente, preciosa, final. Com efeito, para todo o Homem e, sobretudo, para o Oficial, o desporto é simples meio, nunca um fim; se, para se ser Bom General, se tem de saltar 1<sup>m</sup>,30 (condição eliminatória, concluindo com Wawell, bem mais vantajosa do que a dos actualmente usados limites de idade sideral — visto o tempo fisiológico, e o tempo psicológico, serem completamente independentes do tempo solar), não é por se saltar 1<sup>m</sup>,30 que se é Bom General; reali-*



za-se, simplesmente, uma, entre muitas, das condições requeridas.

E ainda devo dizer que reputo independentes os valores desportivo e militar de um meio determinado; e mesmo que, se este informa aquêle, não é verdadeira a recíproca.

Reconheço ainda que, além do interesse desportivo, está o interesse militar da Nação. Indubitavelmente.

O amanhã constrói-se dos escombros do passado; por isso,

o estudo das "razões de ser das coisas," é a principal arma na luta contra a rotina — que nos tem vencido exactamente com a deturpação dessas "últimas razões," (relativamente falando), indelêvelmente esculpidas nos «sagrados papiros»; portanto,

ao municiamento da frente do progresso, interessa evidentemente o estudo desempoeirado, e livre de preconceitos, das "velharias," — negá-lo... também é rotina; trata-se de um simples caso de exploração, a mais "cavaleira," missão da Cavalaria — e hoje a mais generalizada, em tôdas as operações da guerra, cem por cento cavaleira.

Eis, no que vai seguir-se, o que, convenientemente interpretado, dizem "amarelecidos papéis,"; e, amplamente comprovada a interpretação que se faz, a coisa fica de acôrdo com a evolução — necessariamente...

Pretender sustar a evolução, é justificar uma revolução ou gerar um desastre; e,

também se deve verificar que a eficiência e o rendimento

"militar," dos factores morais só podem ser contados a partir da suficiência em coisas materiais eficientes; o resto... é preguiça ou donjuanismo.

Ai dos heróis românticos!!! Fizeram já a sua época...

Mais umas afirmações.

Eu vejo a coisa, aqui, como Português e como militar — não como sebastianista ou burguês saciado.

O romantismo e o burguesismo, apanágios da geração que nos antecedeu, seriam estrondosa vergonha para a nossa.

Sei que me pertence um bocadinho da condução dêste Povo na guerra; sou portanto um "chefe militar,"... ainda que de palmo e meio...

E é de norma os "chefes militares," terem a consciência das suas responsabilidades, e exigirem, consoante elas... ou apagarem-se...

Eu peso bem as minhas responsabilidades... e adoro-as.

Morrer — sim; mas... devagar.

Antes de ser um "meio de morrer," o meu officio é uma "forma de matar,"; desgraçado o que assim não pense; resta-lhe a solução de trocar a farda pela vida contemplativa.

Morrer matando — eis a questão; mas matar antes de morrer...

Em tempos idos, um chefe bárbaro disse: "Ai dos vencidos,"; na nossa época um outro chefe exclamou: "Ai



dos fracos... São equivalentes as expressões; ser fraco é realizar a primeira condição para ser vencido...

Na equação do problema, em 1941, põe-se já a quarta dimensão; se o Exército é para morrer... a Nação é para ser vencida!!! Tristeza...

Acabo dizendo ainda o que penso.

A ordem e a disciplina só são reais, verdadeiras e benéficas quando não são, simplesmente, uma mais ou menos habilidosa dissimulação de uma desorganização latente (musgo sôbre ruínas) ou prejudicialíssima submissão por coacção (estúpida desvirilização dos homens, louca niilização das vontades... das vontades construtoras do Mundo e cerzidoras da História)—aliás, como o azeite e como o pus, o espírito e a verdade, acabarão sempre por vir ao de cima.

Eu quero — é o essencial...

Eu quero bem — é o precioso...

...quis me intelegunt...



## Inauguração

Foram êstes, mais ou menos, alguns dos têrmos da conferência "Ensinamentos da guerra da Polónia", que realizei no Regimento de Cavalaria de Évora, em dias vários do mês de Junho de 1940 — agora devidamente corrigidos e grandemente completado o assunto.

Digo-vos que não reivindico o ineditismo de tôdas as coisas que apresento; e faço muitas citações e indicarei muitos documentos, se nesse sentido fôr solicitado — mas também vos afirmo que não abduco da originalidade de muitas conclusões a que chego e pelas quais me considero "cavaleiramente responsável", pois, após bastantes anos de estudo desapaixonado e aturado, as reconheci como verdadeiras, realizáveis e precisamente correspondentes às necessidades que verifiquei e às finalidades que procuro — e que, aliás, a decorrente guerra comprovou plenamente.



## PARTE I

### DOS «SAGRADOS PAPIROS»



*Se eu fôsse orientado por aquela tôla pretensão de arcaísmo gongórico, lastimável doença do nosso tempo e até do nosso meio (pôsto de parte o claro, preciso e conciso), teria intitulado pomposamente esta primeira parte, com a seguinte complicada expressão:*

*“Eis aqui onde se diz com verdade, de como o homem e o equino se conheceram, se associaram e combateram em conjunto, desde que o Mundo é Mundo, até aos nossos dias, em que a simbiótica (ou parasitária) união se desfez irremediavelmente in militaribus rebus, e mais coisas que ao diante se verão „.*

*Aliás foi esta uma forma, possivelmente elegante, de vo-lo anunciar — de luva branca e punhos de renda...*



## COISAS VELHAS E RELHAS

Pretende-se aqui resumir sucintamente o muito que se leu, releu, estudou e comprou sôbre a origem e utilização do equino.

### Algumas linhas de pré-história

É nos andares mais recentes, principalmente nas camadas últimas do plioceno, do período terciário, época neozóica, que aparecem os primeiros vestígios fósseis do mamífero que hoje imprópriamente designamos por cavalo, isto segundo o que vem a fls. 129, do vol. I da HISTÓRIA UNIVERSAL, de César Cantú; Brehm, em MARAVILHAS DA NATUREZA, I vol., págs. 256, diz que as formas ancestrais do equino começam aparecendo nos andares mais antigos dos sub-períodos antecedentes dos mesmos terrenos terciários; e Ernest Haeckel, na sua admirável HISTÓRIA DA CRIAÇÃO NATURAL, insere, a págs. 509, um esplêndido quadro com a ascendência última dos equinos, cujo tipo primitivo, o *Eohippus*, localiza nas camadas de calcários grosseiros, do eocénio médio.

Excluídas as pequenas (?) diferenças das três indicações — e de muitas outras que se lhes poderiam acrescentar — verificamos que os ensinamentos paleontológicos nos permitem fixar, nos terrenos terciários, os mais afastados vestígios da actual família *equina*, que a taxinomia actual classifica na secção *hippomorpha*, subclasse *hippotapiri*, ordem dos *peris-*



*sodáctylos*, da legião *ungulados*, subclasse *placentálios*, dos conhecidíssimos *mamíferos*, as célebres «feras de mamas».

Porém, ainda que o aparecimento dos primeiros pitecos esteja incontestavelmente provado ter sido muito posterior — ainda que no terciário (LE MOIS, 94, pág. 277) — o que é certo é que em nenhuma das descobertas científicas relativas à vida dos trogloditas, foi até aqui encontrado qualquer indício de que se possa inferir que estes se aproveitariam do equino, em qualquer das suas numerosas utilizações.

Referem alguns autores, que em duvidosos desenhos pré-históricos encontrados nas primitivas cavernas, têm sido reconhecidos motivos que fazem supor como então existente, o conhecimento homem-equino — mas note-se, em contrário, que muitos dos possíveis animais representados em tais pretensões gráficas dos nossos mais longínquos avoengos, não equivaliam para eles a um estimável, antes a um terrível conhecimento; não quero afirmar que o equino, pacato, honesto e burguesíssimo herbívoro, pudesse ter sido considerado inicialmente como inimigo, pelo homem primitivo — mas também não posso afirmar que o não tivesse sido.

Mais acertado será portanto concluir que nada de comum houve entre os dois comparsas, durante os tempos pré-históricos, em que ambos, embora rudimentarmente, existiram de facto.

### Na proto-história

Porque a insuficiência dos conhecimentos humanos, neste ramo de coisas, se limita aos poucos resultados de algumas investigações feitas e decorrentes no Continente Europeu, região mediterrânea e Próximo Oriente, torna-se-nos impossível averiguar com precisão o momento a partir do qual, na época proto-histórica, o homem principiou a servir-se

dos equinos: começa logo a dificuldade pela impossibilidade da fixação, no tempo e no espaço, do ponto de origem daquela época.

O conhecimento vulgar e a cultura legalizada começam por estudar a civilização egípcia, sem que ao menos se pareçam interessar, nem ao de leve, pela própria origem daquela civilização e pelas notáveis actividades dos povos anteriores; e esta falta de interesse informa depois, no caso normal, toda a actividade intelectual do indivíduo, durante toda a sua vida — lamentável ignorância sistemática.

Estava mais ou menos assente, até há relativamente pouco tempo, que os primeiros sinais de civilização apareceram na Ásia, no extremo Sudeste e na vasta região central, limitada a Sul e a Sudeste pelo Himalaia e que se estende até ao Ala-Tu, Bolor, Altai e seus contrafortes (MASPERO, HISTÓRIA ANTIGA DOS POVOS DO ORIENTE, pág. 132); mas os actuais estudos racistas feitos por alguns povos europeus, vieram pôr novamente em moda a doutrina da origem europeia da civilização há bastante tempo exposta e que E. Schuré aproveita, em Os GRANDES INICIADOS, para comprovar as migrações religiosas no sentido Europa-Ásia, dirigidas pelo pacífico Rama, para evitar guerras de crenças.

Julgo porém eu, que se de facto uma contenda religiosa dividia os remotos habitantes da Europa Central, os partidários de Rama, que tomaram por símbolo o carneiro, deveriam antes dirigirem-se para aquém Pirenéus (lei migratória universal) do que para a continentalíssima Ásia, onde iriam estabelecer uma civilização — eles, os pacíficos — muito mais guerreira e violenta do que a aborígene europeia, que é inegável, se bem que bastante posterior; parece portanto ter havido uma civilização asiática e outra europeia, desenvolvendo-se paralelamente, aquela mais que esta.

Chineses, turanianos, kushitas, egípcios, hebreus, assírios, etc., uns oriundos da zona do Pamir, outros da de Bactriana,



todos irradiaram daquela região asiática, uns para o Oriente, outros para o Sul, outros para Ocidente, encontrando e submetendo, nos seus trajectos e pontos de fixação, outras raças, possivelmente aborígenes, que destruíram ou às quais se associaram, adaptando-se constantemente e completamente às suas novas condições de vida — o que, para grupo, aborígene ou migrante, resultou numa série de características étnicas, que hoje consideramos para distinguir as chamadas raças humanas, as pretensões ráticas contemporâneas não sendo portanto mais do que simples fatuidades ridículas, descabidas volições infundamentadas... mas uma razão de peso quando apoiada por milhares de toneladas de aço animado de eloqüentes velocidades!!

Nos numerosíssimos combates travados durante estas extensas migrações, o homem proto-histórico, como o moderno ou o contemporâneo, procurou sempre, evidentemente, alargar e aumentar a potência dos seus esforços possíveis, quer cobrindo-se com escudos protectores, quer adoptando armas que lhe vieram aumentar o comprimento dos seus braços e a rigeza dos seus punhos, quer ainda utilizando dispositivos vários que lhe permitissem elevar-se acima da massa dos combatentes, criando um comandante que lhe granjeava uma evidente superioridade; está hoje perfeitamente comprovado que, para dominar, pela posição, o seu adversário apeado, o guerreiro proto-histórico do tempo das migrações, conduzia consigo, para o campo de batalha, uma pequena plataforma, sobre a qual combatia — e essa forma de combater, elevando-se acima do nível médio, sendo designada, na língua sânscrita, por palavras várias com o radical comum *açva* ou *akva*, por uma compreensível antonomásia, começaram as plataformas de combate a ser também conhecidas por *akvas*.

As oscilações constantes da batalha — que nesse tempo compreendia simples localização de esforços individuais sem qualquer idéia de conjunto — obrigavam necessariamente a

deslocações da plataforma, durante as quais, além de se perderem as suas vantagens incontestáveis, se expunha a grave perigo o respectivo guerreiro, coagido a conduzi-la às costas; o engenho, ainda embrionário, do homem primitivo, resolveu magistral, mas parcialmente, a enorme dificuldade, criando a roda (a grande invenção), que adaptou à plataforma de combate; e o primitivo carro, inventado e construído pelas necessidades da guerra, simples plataforma rodada, continuou a ser designado pelo termo que indicava não o objecto, mas sim a sua utilização, não o meio, mas sim o fim por ele alcançado.

Segundo Hahn, tendo descoberto a roda o homem construiu o carro, resolvendo assim um altíssimo problema mecânico — o da transformação dos atritos; no entanto, essa invenção é relativamente recente e não se espalhou rapidamente (prova da falta de intercâmbio até de ordem comercial). Com efeito, ainda nos tempos da construção das pirâmides (primeiras dinastias egípcias), «enormíssimos blocos das pedreiras orientais eram arrastados escorregando sobre uma calçada de centenas de quilómetros, por centenas de milhares de escravos» (Heródoto II, 124); e também, ao mesmo tempo que se verifica que a roda ainda não era em tais épocas, conhecida no Egito, se reconhece, pelo exame dos documentos antigos, que, antes de ser empregado como factor económico e doméstico (meio de transporte), o carro primitivo foi utilizado na guerra; na realidade, os carros representados nos mais antigos desenhos conhecidos e que adiante se referirão, seja, os já mencionados *akvas*, são carros de guerra muito rudimentares — «não passam de uma simples e pequena plataforma com rodas, sobre a qual um homem só a muito custo conseguiria equilibrar-se» (Le Moïse, 108, pág. 201).

Inicialmente, o carro que transportava um guerreiro era puxado por escravos, que constituíam uma classe especial,



conhecida pelo nome de primitiva plataforma — e recordem-se, neste sentido, as características *jiurickska* chinesas, de tracção humana, nessa China que nos apresenta hoje alguns



Carro de guerra assírio, de tracção humana.

aspectos da vida de milhares de anos atrás, estacada a sua civilização, em determinado ponto no tempo, por causas e influências inexplicáveis (Rottach, A CHINA MODERNA); seria porém bastante diminuto o seu poder de deslocação, dada a natureza da sua tracção — e daí o não se dar a tal fase do



Carro de transporte assírio, de tracção humana.

*carro de guerra* a importância, atestada pela constante representação gráfica e repetição histórica, que depois se lhe ligou, quando a domesticação de determinados ani-

mais permitiu obter um eficiente complemento necessário do carro — um sofrível motor.

De entre os animais então utilizados para tal fim, tinham especial adaptação, os que nas classificações taxinómicas

actuais são designados por *hippo* (térmo grego) ou por *equus* (térmo latino). Os primeiros documentos relativos à domesticação de tais animais — sua adaptação a motores dos carros de guerra — não nos aparecem nas regiões de Pamir ou da Bactriana, focos dos primeiros vestígios da civilização; remontam a perto de cinco mil anos e foram encontrados nas recentes escavações de Susa e de Ur, na Caldeia, parecendo provável que êsse progresso, contemporâneo do aparecimento da civilização egípcia mas dela completamente independente, fôsse em primeiro lugar realizado na Síria, na Mesopotâmia e na livre Frígia (Gervais, HISTÓRIA NATURAL DOS MAMÍFEROS).

Continuando a designar o animal motor pelo mesmo nome da plataforma, nome que, repete-se, indicava a utilização e não o objecto, o fim alcançado é não o meio necessário, as línguas sânscritas continuam empregando o térmo *akvas*, por extensão, para indicar o animal então recentemente escravizado, querendo com isso significar que tal mamífero era empregado como parte integrante da plataforma primitiva de que os guerreiros se serviam para combater à akva.

### Da antiguidade oriental

Por essa época, a das suas primeiras dinastias, o Egito não conhecia o equino, se bem que tivesse uma civilização importante — e isto porque o egípcio divinizando o boi e o crocodilo, a abelha e a serpente, etc., teria sem dúvida prestado semelhantes honras ao equino, dado que o conhecesse e o utilizasse; nem mesmo nas escritas egípcias aparece qualquer símbolo do qual se deduza o simples conhecimento por informação.

Daí a natural surpresa causada pela invasão dos hicsos (*hiq shus* — o rei dos salteadores do deserto), que se apresentaram sôbre os seus carros de guerra, de tracção equina,



meios de que os egípcios não dispunham, a invasão dos hicsos sendo para o Egito o que, sete mil anos mais tarde, a irrupção germânica foi para a Polónia e para a doce França; na realidade «o camelo e o equino só foram introduzidos no vale do Nilo durante o Novo Império, isto é, por alturas do XVI século antes da nossa era» (HISTÓRIA GERAL DOS POVOS, Ed. Larousse, I-2).

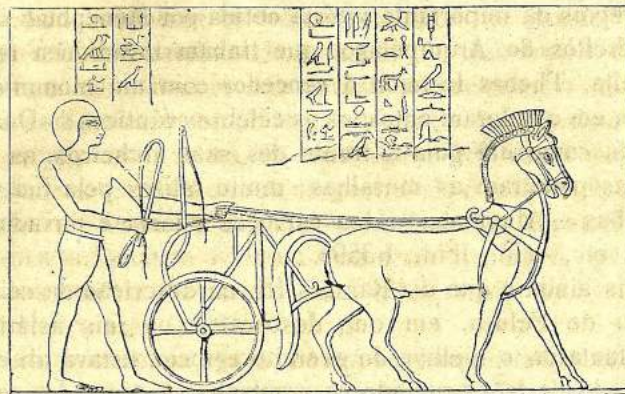
Com efeito, só o emprêgo de um método ou meio de guerra absolutamente desconhecido para os egípcios, ou de que eles não dispusessem em quantidades e de qualidades convenientes, pode explicar a sua derrota por um simples bando de salteadores (os grandes conquistadores mais não têm sido do que habilidosos exploradores de uma forma ou de um meio de guerra novo — e sempre êsses meios novos se têm relacionado com uma nova *akvas*); e a derrota egípcia foi tão profunda que permitiu aos vencedores uma dominação, que durou séculos, sôbre um povo muito mais forte, muito mais numeroso e muito mais rico.

Por sua vez, na conquista da Síria, os egípcios vieram a tirar proveitosos resultados dos ensinamentos colhidos, para o que se aperceberam devidamente; «tôdas as cidades importantes do Delta e da Heptanómida tinham coudelarias e estábulos, onde os reis vizinhos se forneciam de cavalos e carros» (Cantú, Op. Cit., 1-391).

Em numerosíssimas passagens da história egípcia, posteriores à invasão dos hicsos, se reconhece não só a grande importância que tiveram, na acção militar dos faraós, os seus carros de guerra, mas muito especialmente a não utilização da Cavalaria, tal como nós a concebíamos *ainda há pouco tempo*, a não ser com os últimos reis do império, perto da sua derrocada.

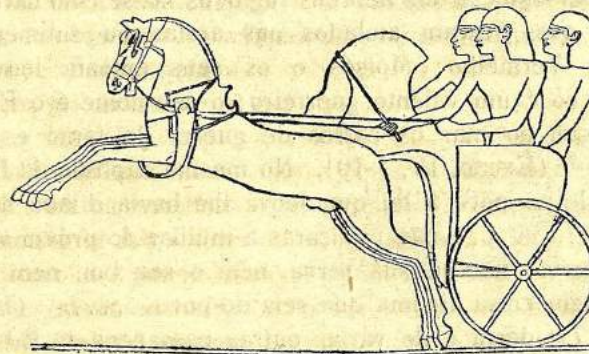
Assim, no vigésimo ano do seu notável reinado, o faraó Ramsés *impõe* ao príncipe de Khêta, um ilusório tratado de paz eterna e de aliança mútua (género «eixo 1940»); e

escreve: «Se algum inimigo marchar contra os países que estão debaixo da submissão do grande rei do Egito e que



Carro de guerra egípcio, de tracção eqüina.

êste mande dizer ao grande príncipe de Khêta — «Vem, traze-me forças contra eles», o grande príncipe de Khêta



Carro de guerra do país dos khêtas, de tracção eqüina.

procederá como lhe tiver sido pedido pelo grande rei do Egito e destruirá os seus inimigos; se o grande príncipe de



Khêta preferir não vir êle em pessoa, enviará os seus archeiros e os carros de guerra do país dos khêtas ao grande rei do Egito, . . . . . etc.» (Cantú, Op. Cit., I-355).

Depois da importante vitória obtida por Ménephtah sobre os exércitos do Arquipelago, que tinham invadido a região do Delta, Thebas festejou o vencedor com um monumental triunfo, em que foram entoados os célebres cânticos: «Quando êle está como um guia à frente dos seus archeiros, as suas palavras penetram as muralhas; muito felizes pela tua volta a Thebas — triunfante, o teu carro de guerra é puxado por nós. . . . etc.» (Id., Ibid., I-359).

Eis ainda o que diz Ramsés III, na descrição da célebre batalha de Pelusa, em que desbaratou os reis asiáticos: «A Infantaria, o melhor do exército egípcio, estava ali como um bando de leões rugindo na montanha; a gente dos carros de guerra, escolhida entre os mais denodados heróis, era guiada por oficiais cheios de confiança em si. . . .» (Chabas, ESTUDOS SÔBRE A ANTIGUIDADE HISTÓRICA, 250 e 288; Greene, ESCAVAÇÕES EM THEBAS).

A perseguição aos hebreus fugitivos faz-se com carros de guerra, que ficaram atolados nas areias ou submergidos no Mar Vermelho; Moisés e os seus entoam louvores: «O Eterno é um valente guerreiro; o seu nome é o Eterno. Êle lançou ao mar os carros de guerra do faraó e o seu exército» (Êxodo, IV, 1-10). No mesmo capítulo da Bíblia, Moisés lê ao povo a lei que Jeová lhe havia ditado do alto do Sinai: «. . . . . não cubiçarás a mulher do próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu burro, nem coisa alguma que seja do povo. . . . .» (Êxodo, XX, 2-17); desta e de várias outras passagens da Bíblia se conclui que «os hebreus não possuíam cavalos senão pelas épocas de Davide e de Salomão; Abraão, Isaque e Jacó possuíam burros, de que se fala repetidamente na contagem das suas riquezas, com os camelos e os carneiros, mas não

parece terem criados cavalos, nem mesmo se terem importado com estes animais» (Brehm, Op. Cit., II-301).

Na descrição das campanhas hebraicas, aparecem-nos quasi exclusivamente referências a carros de guerra, verdadeiros reis das batalhas de então. «Ao Sul, Judá e Simeão venceram os cananeus em Bezak e expulsaram tôdas as tribos indígenas que habitavam a montanha dos amonheus, com excepção dos jebusitas, mas não se atreveram a afrontar em campo aberto os carros de guerra e os pesados batalhões vestidos de ferro dos filisteus»; «Zebulon e Nephtali atacaram Sisera, general de Jabin e bateram-no; Barak perseguiu os seus carros de guerra até ao Aroseth das nações» (Cantú, Op. Cit., I-380).

Com Salomão aparecem-nos já equinos portadores directos da akva; «E tinha Salomão quarenta mil manjedouras de cavalos para as carroças e doze mil cavalos de montar» (LIVRO DOS REIS, IV-26); «E ajuntou Salomão um número de coches e de cavaleiros e teve catorze mil coches, doze mil homens de cavalo, . . . . .» (Id., X-26).

Nas campanhas assírias, os cavaleiros juntam as suas acções às dos carros de guerra. «Quando Salmanasar III passou o Eufrates para atacar, o rei de Damasco marchou denodadamente ao seu encontro e ofereceu-lhe batalha em Karkar; levava consigo dois mil carros de guerra e dez mil judeus enviados por Akhab; setecentos carros, sete mil cavaleiros e dez mil infantes de Harmath; mil mercenários egípcios e mil amonitas que, juntos às suas tropas, formavam um exército de sessenta e



Carro de guerra assírio,  
de tracção eqüina.



dois mil e novecentos infantes, oito mil e duzentos cavalos e quatro mil oitocentos e dez carros de guerra. Um chefe árabe chamado Djendib, tinha-lhe levado um corpo de mil camelos» (Cantú, Op. Cit., I-400).

Nas campanhas da conquista do seu território, «Tu-klat-habal-azar marchou contra os países



Rei assírio em carro de cerimónia.

da Khária e os exércitos do vasto país de Kurkhié, por bosques impenetráveis, até então nunca explorados por outro rei. O Deus Assú, meu senhor, diz ele, ordenou-me que marchasse; pus em acção os meus carros de guerra e os meus exércitos e apoderei-me das fortalezas de Itui e de Aya» (Id., Ibid., 1-450).

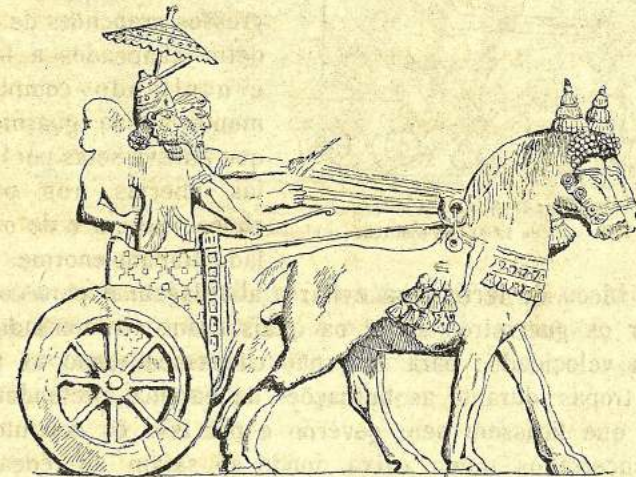
No entanto, a utilização imediata dos equinos não era coisa normal e tanto assim é que nos tributos não se exigiam tais animais, como seria de presumir se eles fôsem muito

numerosos e o seu uso estivesse completamente vulgarizado. «Lubana, rei de Kunulua, recebeu o poder do inimigo e duvidando por isso do êxito da batalha, pagou vinte talentos de ouro, um de prata, duzentos de estanho, e um de ferro; deu mil bois, dez mil carneiros, mil fatos de lã e de linho, utensílios, armas e escravos» (Oppert, HISTÓRIA, 69).

Os próprios duelos e combates individuais de repto

faziam-se a pé ou de carro de guerra; veja-se a narrativa de Sineh, do Papyrus n.º 1, de Berlim, citado por Cantú (Op. Cit., I-309).

Para os povos da longínqua Índia, a imolação de um equino era o sacrifício mais solene; os dois célebres poemas heróicos Ramayana e Mahabharatá fazem também amplas referências a carros de guerra, mesmo em combates individuais. «Rama e Ravana correm nos seus carros ao encontro um do outro e empenham-se num combate tão encarniçado que o seu estrépito faz tremer a terra durante sete dias» (Schuré, OS GRANDES INICIADOS, livro de Chrisna).



Carro de guerra persa, de tracção eqüina.

A história dos persas, a admirável epopeia dos Kyros, dos Kambyses e dos Darius, está intimamente ligada à utilização dos equinos, já como alimento, já como motor, deslocando o carro de guerra ou, mais raramente, montados. A série das vitórias alcançadas e o conseqüente alargamento do império levaram à riqueza, e esta produziu finalmente os



seus forçosos frutos. «Corrompidos pelo luxo, os persas degeneraram muito do seu valor tradicional; os carros armados de foices começaram a servir, menos para carregar o inimigo, do que para conduzir o guerreiro com comodidade ao campo de batalha; no momento da luta e do perigo, o fraco descia do carro, desamparava o govêrno e os cavalos não raro desordenavam as fileiras, em desordenada carreira».

Para prevenir êstes graves inconvenientes, os carros persas deixaram de ser individuais, passando a ser viaturas



Viatura de «gasolina e óleos»...  
(Auto T. T. mais de 1.600 kg., com reboque).

de quatro rodas, puxadas por elevado número de animais, formados por grossos pranchões de madeira chapeados a ferro e ocultando completamente a sua guarnição, que atirava setas por frestas abertas nos pranchões; de um e de outro lado tinham enormes foices e bicos de ferro para evitar a abordagem e para cortar e ferir os guerreiros sôbre os quais eram arremessados a tôda a velocidade; para que não causassem dano às próprias tropas durante as flutuações da batalha, pretendeu-se evitar que ficassem sem govêrno e por isso os condutores iam encerrados numa caixa donde só saíam as rédeas e chicotes; mais tarde todo o carro foi fechado pela parte superior — assim os encontrou, adoptou e explorou Alexandre o Magno, o guerreiro filósofo, que na batalha de Issus venceu e aprisionou Darius III, rei dos persas.

E, para terminar estas referências à antiguidade oriental, fechando-as com chave de ouro, eu quero citar a interessantíssima carta do escriba Duanw-se-kharda, a seu filho Papi, referida e estudada de págs. 50 a 62, de Maspero, Do GÉNERO

EPISTOLAR; o pai aconselha Papi a seguir a profissão de escriba, a mais fácil em trabalhos e a mais larga em vantagens; e, para o convencer, faz-lhe engraçadíssimas descrições dos vários ofícios por que poderia optar — nessa enumeração,



Batalha de Issus; carros de guerra de tração eqüina e «cavaleiros eqüestres».

Duanw-se-kharda, distingue unicamente, na profissão guerreira, *oficiais de infantaria* e *oficiais de carros* e dá indicações preciosas àcerca da educação militar egípcia e respectivo recrutamento e formação de quadros.

### Tempos clássicos

Na Grécia não se utilizam inicialmente equinos, tal como no Egito; a lenda dos centauros parece ter vindo do inesperado aparecimento das tropas asiáticas a cavalo, na primeira guerra médica, na expedição invasora sob o comando de Dátis e Artafernes; «sabe-se, de resto, que os mexicanos tiveram os mesmos receios e tiveram o mesmo



engano quando viram pela primeira vez os cavaleiros espanhóis que Cortez lançou contra eles» (Brehm, Op. Cit., I, 302-303). Com efeito, os helenos (possíveis parentes dos povos europeus aborígenes, que se tivessem deslocado para a região mediterrânea) ainda não tinham tido qualquer contacto com os povos orientais, as lendas do período heróico, Argonautas, Tróia, etc., não tendo existido, como hoje parece estar definitivamente comprovado, senão na imaginação dos sábios (LE MORS, 91, pág. 270).

Na realidade, não se compreenderia que se o equino fôsse usado normalmente pelos gregos, tivesse sido encarregado de vir a Atenas, dar conhecimento da vitória de Maratona, um guerreiro a pé, quando é certo que seria muito mais natural a expedição de um «estafeta hipo», como agora dizem os nossos Regulamentos; porém, tal facto não será de estranhar se se ler a descrição detalhada da batalha, da HISTÓRIA de Groote, onde se diz que o exército grego se compunha de «hoplites acompanhados por alguns escravos sem armas ou armados à ligeira e não tinham archeiros nem cavalaria; os persas também não podiam ser fortes nessa Arma, porque era difícil transportar cavalos através do Mar Egeu».

Porém, após a batalha de Maratona, os jogos olímpicos passaram a incluir corridas hípicas, para as quais se compravam especialmente equinos na Capadócia; os artistas gregos reconheceram a beleza dos equinos e deram-lhes larga representação, no que, no entanto, nunca demonstraram um conhecimento perfeito, nem do animal nem da sua utilização; por seu lado, as tropas gregas começaram também empregando carros e solípedes bifurcados, mas sem a importância e densidade com que os orientais os utilizavam; assim, na militaríssima Esparta (aquêl curiosíssimo complexo platónico-prussiano, paradoxal mas real — os desequilibrados excessos caracterizantes do prussianismo convenientemente moderados pelas limitações super-evangélicas do Platão, tudo gerando

um admirável todo perfeito, aliás condicionado por um sistema integral de escravatura... espartana), na hiper-fascista Esparta, a «Infantaria era o nervo do exército; os soldados menos aguerridos serviam a cavalo».

Conjurado o perigo persa, os helenos, em demanda de «espaço vital», iniciaram a exploração do litoral mediterrâneo e fundaram a Grande Grécia (paralela da Grande Alemanha,



Os cavaleiros do Parténio.

do Volkstum — o Grande Império da Nação e do Povo Alemão, pretensão 1940); durante as expedições e ocupações que fizeram, os gregos continuam a empregar pouquíssima Cavalaria, «talvez porque a deslocação dos cavalos fôsse muito difícil quando os exércitos eram transportados pela esquadra»; assim, numa das expedições gregas à Sicília, «reüniram-se em Korkyra, cento e trinta e quatro triremes com vinte mil soldados pesadamente armados, mais os archeiros e outras tropas ligeiras e apenas trinta cavalos».



É muito interessante, diga-se em curto parêntese, comparar esta citação com a declaração feita, no Parlamento Britânico, em 1940, relativamente à forma como eram tratados, em França, os «súbditos de Sua Majestade» componentes do Exército W (Corpo Expedicionário Inglês no Norte da França e Flandres); tratava-se de uma interpelação, e, o Ministro declarante, para demonstrar a maneira como



Carro de corridas grego, de tracção eqüina.

eram respeitados os direitos individuais dos expedicionários, citou, com todo o detalhe, o efectivo das forças, o número de bocas-de-fogo, de viaturas automóveis e... dois equinos..., adquiridos já em França, para transportarem a alimentação para um posto afastado de algumas centenas de metros, pois não seria «próprio que súbditos de Sua Majestade Britânica carregassem com os recipientes da comida»...

Nos exércitos sicilianos, do poderoso Dinis, «a Cavalaria regulava por um décimo da Infantaria».

Na Tessália, o uso do equino vulgarizou-se mais; é

interessante citar que, naquela província, as noivas davam obrigatoriamente ao seu noivo, como presente de núpcias, no dia do casamento, «um cavalo ajaezado para a guerra», que êle devia montar, nesse próprio dia, diante de todos, cerimónia que era uma condição *sine qua non*... do resto — espécie de exame de equitação preliminar...

Os romanos primitivos mantinham, nas suas tropas, as proporções já mencionadas para os exércitos da Sicília; com efeito, a *reunião* ou *legião* romana (*legio*) compunha-se inicialmente de três mil infantes (*militēs*) capitaneados por três chefes de divisão de Infantaria (*tribuni militum*) e de três centenas (*centuriæ*) de cavaleiros (*equites* ou *centuriones*), cada centena comandada por um chefe de divisão de Cavalaria (*tribunus celerum*) e o conjunto por um chefe de cavaleiros (*magister equitum*); os cavaleiros compreendiam os rápidos (*celerēs*), montados no dorso dos animais, e os volteadores (*flexuntēs*), conduzidos na garupa dos solípedes e escolhidos entre os melhores soldados; aos infantēs juntavam-se, em certos casos, alguns elementos auxiliares armados à ligeira (*velites*; *arquites*, etc.).

É muito interessante fixar que, inicialmente, o papel essencial da Cavalaria não era o combate a cavalo mas sim o da condução rápida, a qualquer ponto interessante do campo de batalha, dos melhores combatentes do exército — os volteadores; os *equites* mais não eram do que simples condutores do meio de transporte dos *flexuntēs*.

A constituição citada da legião era, como se verifica facilmente, tripartida — e ainda hoje nós reconhecemos importantes vestígios de tal facto não só na nossa organização militar como também na acção táctica dos nossos elementos militares; aquela constituição correspondia à primitiva organização social e administrativa dos romanos (o primeiro povo organizado), de base decimal. Assim, cada família, célula orgânica, habitava uma casa (*domus*), dez casas formavam



uma tribo (*gens*), dez tribos uma cúria (*curia*) e dez cúrias constituíam uma comunidade (*communa*); cada casa era obrigada a fornecer um homem a pé e cada *gens* um homem a cavalo, completamente armados e equipados; desta forma, cada comunidade tinha de aperceber uma centena de cavaleiros e um milhar de infantes, donde resultou para aquêles a designação de *centuriones* e para êstes a de *milites*, origem do nosso termo «militar», que de facto significa «infante de fileira», aplicando-se hoje, porém, a todos os indivíduos que seguem a carreira das armas ou desempenham quaisquer funções, permanentes ou não, no exército de uma nação; os flexutes, «os melhores elementos da legião», eram profissionais, geralmente mercenários recrutados nas províncias da península italiana. A legião era constituída pelos cidadãos fornecidos por três comunidades e pelos profissionais necessários.

Cada cidadão servia obrigatòriamente durante um certo número de meses em cada ano; por esta prestação de serviço, geralmente durante o verão, os indivíduos nada ganhavam, nem em dinheiro nem em géneros, a não ser a sua quota parte nos despojos das batalhas vencidas, produtos de saques, etc. — verdadeiras organizações de pirataria, comparáveis às que, chefiadas pelos cavaleiros teutões no Norte da Polónia, nos séculos XV e XVI, originaram o encravado da Prússia Oriental, território inicialmente polaco. Os cidadãos com obrigações sociais (*amparos*) eram substituídos nessas obrigações, durante o seu alistamento, pela comunidade — tal como agora o são pelos municípios; as prêsas de guerra garantiam geralmente as necessidades próprias dos recrutados.

Ademais, as terras conquistadas eram distribuídas não só pelos componentes das legiões como também pelos cidadãos romanos que o desejassem, embora não tivessem tomado parte nas operações; e foram depois êstes «conquistadores» que constituíram (e constituem ainda hoje, em

grande parte) a quinta essência da nobreza da raça humana, os ocupantes posteriores substituindo, nos pergaminhos e na posse, os ocupantes primitivos; e foram também aquêles «terratenentes» que deram origem às complicadas dissensões da Idade-Média, fomentando as lutas que entenebreceram a humanidade inteira e que causaram milhões de vidas consumidas em seu benefício — e foi sempre aquela mesma idéia, ontem e hoje, que enlutou e continua enlutando o Mundo, fonte inexaurível de recursos materiais, e o Homem, inexgotável manancial de delícias espirituais.

Porém, numa das primeiras campanhas da Itália (o alargamento do famoso *labensraum* — o espaço vital dos germânicos de hoje), as legiões romanas cercaram a cidade de Veies, que resistiu durante dez anos, o que obrigou os cidadãos a conservarem-se em armas além do tempo que lhes era imposto e, sobretudo, sem conseguirem alcançar prêsas; abonou-se-lhes então vencimento, pelo tesouro da república, parte em género, parte em numerário (*pret*); depois, para facilitar o pagamento, o vencimento passou a ser dado «só» em dinheiro, designando-se então por *soldo*, e daí derivou *soldatus*, que originou o português «soldado», termo que em rigor significa aquêles que recebe o seu vencimento exclusivamente em moeda.

Dominada a península itálica, os romanos lançam-se à conquista do seu Império; e a análise dos sucessivos meios e das várias formas de combate que foram adoptando — a sua evolução militar — constitui um estudo interessantíssimo, de que se não pode fazer aqui senão um muito simples resumo; aliás são bem fáceis de obter os elementos indispensáveis a um exame detalhado daquela característica evolução.

Um dos primeiros inimigos da sua expansão foi o povo celta (possivelmente europeu aborigene), de civilização bastante adiantada e já com uma notável organização social, de base religiosa (*drúida*); os celtas «normalmente pelega-



vam a pé; algumas tribos combatiam em carros de guerra, como os asiáticos, sendo portanto natural que fôsem oriundos da Ásia, embora remotamente, ou tivessem tido qualquer contacto com os povos orientais».

Na península ibérica, a ocupação faz-se quasi que exclusivamente por tropas apeadas; só bastante mais tarde é que a península ibérica veio a tomar conhecimento com os equinos, trazidos inicialmente pelos visigodos, mas em pequena quantidade, e, mais tarde, pelos invasores árabes, do Norte de África; aliás, já a região mediterrânea da Ibéria tinha sido atravessada e talada pela cavalaria de Cartago.

A fama das riquezas da Grécia e de Roma atrai os povos orientais, que apresentam nos campos de batalha, além de massas verdadeiramente formidáveis de carros de guerra e de cavalaria, outros meios novos que lhes permitem obter importantes vitórias — e é interessante fixar que, se bem que tenha sido o ocidente que dominou o oriente, foi sempre este que apresentou os meios guerreiros novos, alcançando, pela surpresa técnica, vitórias esmagadoras... mas quasi sempre efémeras.

Pirro, vencedor de Antígon, assalta Esparta, com vinte mil homens e vinte-e-quatro elefantes de guerra; Antípater reúne os exércitos de Cratero e de Leonato e admite elefantes nos seus exércitos; os romanos vêem, pela primeira vez, elefantes de guerra no ano de 280 a. C., na batalha de Heracleia, em que foram vencidos pelo rei Pirro, que os amedrontou completamente com aquêles meios de combate, que os romanos não conheciam e ficaram designando por «bois da Lucânia»; mas a reacção apresentou-se depressa, e os romanos conseguem defender-se dos elefantes de Pirro lançando-lhes dardos inflamados e espantando-os, fazendo correr sobre eles inúmeros porcos, cujo cheiro punha em debandada os elefantes (Eliano — HISTÓRIA DOS ANIMAIS, I, 38 e Armandi — HISTÓRIA MILITAR DOS ELEFANTES, 280).

Com Demétrio — por isso mesmo chamado o Poliorcetes — começam a ser empregadas máquinas de guerra, que tão famosas foram depois.

Os cartagineses cuidavam muito das suas máquinas de guerra e dos seus elefantes que, na época púnica, tinham já substituído os carros de guerra; «nas casamatas de Cartago havia estábulos para trezentos elefantes».



Elefantes de guerra.

Amílcar trouxe para a península ibérica alguns elefantes de guerra; combatendo contra os celtas, foi derrotado e morto por eles, que lançaram contra os elefantes carroças cheias de matérias ígneas, puxadas por touros espicaçados — o nosso torpedo que, naquele tempo, também era conduzido por um motor animal; referem alguns autores que os lusitanos vieram mais tarde a usar o mesmo estratagema contra os romanos.

Nas guerras de Aníbal, o poder da cavalaria nómada é talvez a causa dos triunfos do general africano; mas depois de Canas, os africanos tinham já perdido toda a sua cava-



laria — e Cápua, e a derrota de Asdrúbal, junto de Sena, obrigam-nos a abandonar a Europa.

Na sua expansão para o oriente, os romanos vencem Antíoco, rei da Síria, derrotando-lhe um exército formidável com «dezasseis mil cavaleiros armados à moda dos macedónios, mil e quinhentos galatas, cavaleiros e couraceiros medas,



Ariete rodado para assalto de praças muralhadas.

argiráspides, archeiros, scythas e núsios, kirteanos, trá-cios, capadó-cios, cretenses, árabes, montados em dromedários, cinquenta-e-dois elefantes da Índia, mais robustos e volumosos que os da África, e muitos carros de guerra, ligeiros e pe-

sados, armados de foices». Tõda esta enorme massa, quási tõda ela a motor animal, foi completamente destroçada no ano 190 a. C., na célebre batalha de Magnésia, último esfôrço do oriente para o domínio do ocidente — que as invasões bárbaras depois lhe reservaram. É muito interessante o tratado de paz imposto pelos romanos, que mais tarde mandaram cortar os curvilhões a todos os elefantes da Síria (Políbio, LIVROS XXII e XXXI).

A antiga ordem romana, já citada com detalhe, tinha desaparecido, substituída pela organização da *falange*, mol-

dada nos princípios gregos, sendo os *infantes* formados a oito de fundo, afim de resistirem aos maiores esforços do inimigo, enquanto os *equites* (celereres e flexuntes) colocados nos flancos, desempenhavam o papel de reservas e pelejavam a pé ou a cavalo, conforme as necessidades.

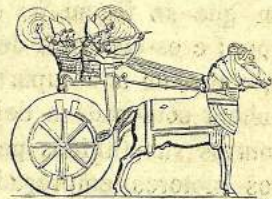
Em tõda a enorme extensão do Império Romano se realizavam corridas de quadrigas; o uso do equino acentua-se e os equinos disseminam-se; Cartago toma por símbolo um equino junto de uma palmeira. «Havia então, como hoje, nos países civilizados que rodeavam o Mediterrâneo, cavalos de sela e cavalos de tiro, mas estes últimos eram os mais espalhados, porque se empregavam mais freqüentemente nos carros de combate e de corridas do que na Cavalaria própria-dita» (Brehm, Op. Cit., II, 302).

A pata de equino, os bárbaros, irradiando da Ásia e da África, abraçam e conquistam a Europa; acabando aquêles, os asiáticos, por expulsar estes, africanos, e por se fixarem, as guerras em que se jogam os destinos do Mundo localizam-se na Europa; e os elefantes de guerra, originários da Ásia e da África, começam a desaparecer dos campos de batalha, como já tinham começado a desaparecer os carros de guerra — uns e outros substituídos pela utilização individual e imediata dos motores empregados nos carros de guerra, assim criando a cavalaria própria-dita, *eqüestre*, se empregava os equinos, *em camelo*, se utilizava os dromedários e outros camelídeos, etc.

Na Europa, «onde daí em diante se jogaram os destinos do Mundo», como já se referiu, as condições de vida ambientes eram mais propícias ao equino do que a qualquer outro animal, dos então usados na cavalaria; e assim, o equino passou a ser o cavalo por excelência, disseminando-se a Cavalaria eqüestre, que foi, pouco a pouco, tomando as suas características de utilização militar (formas e meios) — adaptando-se, evoluindo, é certo, mas



sendo sempre realização da primitiva idéia da longínqua plataforma de combate, a modesta *akvas* dos povos de línguas sânscritas, o meio, a coisa que permitia combater «à akva».



## PRIMEIRAS CONCLUSÕES

Durante esta já fastidiosa digressão, somos levados a reconhecer, no que ao equino se refere, ter êle sido inicialmente e exclusivamente empregado como agente de tracção dos carros de guerra, meios de combate que atingiram uma extraordinária importância e que mais nada eram do que a simples plataforma primitiva do guerreiro oriental da proto-história, munida de rodas e solicitada por qualquer motor animal, equino ou não.

Só mais tarde é que, com a utilização de animais mais corpulentos e poderosos, as rodas foram de novo suprimidas e a plataforma colocada directamente sôbre o dorso do animal; posta de parte a idéia da corpulência — substituída, como veremos, pela noção de mobilidade — a plataforma de combate passa a ser novamente individual, tal como era inicialmente, e colocada imediatamente sôbre o dorso do equino.

E eu repito-me aqui, porque quero frisar bem que o essencial e característico da Cavalaria, nos conjuntos sucessivamente empregados, era a plataforma primitiva, sôbre a qual se combatia «à akva», os outros elementos não sendo mais que simples acessórios, perfeitamente substituíveis, sem prejuízo da finalidade permanente.



E pois que — menos lanças e mais metralhadoras, mais capacetes e menos couraças, mais massa e menos velocidade ou o contrário, que pouco importa — já conduzi a Cavalaria até ao ponto em que, mais ou menos, ela se encontrava ainda há pouco tempo e se encontra ainda entre nós — romântica Cavalaria eqüestre — perdoai a aridez das citações e verifiquei comigo, por unanimidade e sem constrangimento, que, quando agora se diz, em livros e revistas técnicas, que auto-metralhadoras e carros de combate não são meios novos, «porque os persas e todos os povos da antiguidade os utilizaram largamente», cita-se, de facto, uma grande verdade; mas, o que é lastimável, não se aprofunda convenientemente a coisa, confunde-se lamentavelmente um meio com um fim e cai-se, por isso mesmo, num erro grave, que é indispensável desfazer, para que o assunto se esclareça como deve e se resolva portanto segundo as conclusões que os factos nos impõem, inevitavelmente.

Trata-se de uma simples e verdadeira transgressão doutrinária — e porque se tem visto constantemente errado, nesta questão da Cavalaria, debatida, desde a guerra russo-japonesa até à decorrente guerra russo-germânica, por apaixonados, de tôdas as opiniões, sem que recordado se tivessem, algum ou alguns dêles, de perguntar ao passado, durante alguns anos de trabalho paciente, a «razão de ser da coisa» — assim se explicam as continuadas e deslocadas polémicas a que ela tem dado origem, desde há bastante tempo para cá, no nosso País e no Estrangeiro, e onde, quais Tartarins, Quichotes e Sanchos (até Sanchos!!!), sopesamos lanças e cruzamos armas... afinal para carregar sobre moínhos de vento...

## PARTE II

### A MINHA IDÉIA DE CAVALARIA



*Se na primeira parte desta exposição me limi-  
tei a citar alguns factos históricos e a enunciar  
superficialmente alguns dos ensinamentos colhidos,  
vou agora pretender interpretar devidamente as coi-  
sas, sob o ponto de vista que interessa considerar.*



*Fixemos:*

*No princípio o homem quis combater "de alto para baixo", — à akva;*

*E o homem criou a plataforma de combate, sôbre a qual se "encavalitava", — a akvas;*

*E depois pôs-lhe umas rodas e fê-la puxar por um animal — o akväs;*

*E por fim pôs a akvas, a tal plataforma sôbre a qual se "encavalitava", sôbre o akvas, o tal motor de tracção da akvas rodada — assim continuando a combater à akva, "de alto para baixo", que era o seu desejo, o seu fim permanente;*

*O génio científico heleno, desenvolvida já a sua inteligência criadora, viu a coisa e designou o elemento inferior do grupo, pelo termo que, na sua língua, significa inferior, por baixo, abaixo de, isto*



é, pelo vocábulo hipo, tão corrente prefixo das línguas greco-romanas;

Os romanos, para designarem o animal que a isso se prestava vantajosamente, nada mais fizeram que adoptar o termo oriental, fazendo as substituições fonéticas normais — e respeitando o som (comparável ao nosso actual e) da letra a do sânscrito, e mudando o k em q e o v em u, como correntemente, obtiveram æqua, para o feminino e æquus, para o masculino, segundo as regras gerais morfológicas latinas; mais tarde transformam os dois termos respectivamente, em equa e equus. Porém, ao lado destes dois vocábulos, que são os de uso normal, aparece também, com uma significação especial, que adiante se citará, o termo cavalus, imediatamente importado do sânscrito akvas;

Nós designámos a fêmea pelo seu nome próprio latino — égua; e, incompreensivelmente, em vez de adoptar o termo éguo, como seria de prever, indicámos o macho pelo termo cavalo, que, na realidade, significa a “utilização normal do éguo e da égua”, na cavalaria (a forma de combater à akva), seja, o serviço de sela.

E assim:

—o animal éguo foi empregado na akva (uma forma específica de combater) e por isso

mesmo, também designada por akvas, ou, substituindo,

—o éguo tem sido utilizado na cavalaria (uma maneira determinada de lutar) e, por isso mesmo, também designado por cavalo.

DESTARTE SE CONCLUI QUE O TERMO **CAVALO** DERIVA DO TERMO **CAVALARIA** E NÃO SE APLICA SÔMENTE AOS EQUINOS, MAS SIM A MUITOS OUTROS ANIMAIS, OBJECTOS E COISAS, TAMBÉM UTILIZADOS NA **CAVALARIA**, DESIGNAÇÃO QUE ABRANGE, NA REALIDADE, TODOS OS MEIOS E FORMAS DE OBTER UMA SUPERIORIDADE RELATIVA, DERIVADA DE UMA MAIOR ALTURA, DE UM DOMÍNIO PELA POSIÇÃO — IDÉIA PRIMÁRIA DA DISTANTE PLATAFORMA DOS GUERREIROS PROTO-HISTÓRICOS.



## PONHAM-SE OS PONTOS NOS, ii...

Pretende-se agora fazer a interpretação correcta do que se leu.

### Lingüística... sem estribos!!

Em sânscrito, o radical *çv* ou *kv*, significa idéia de altura, proeminência, diferença de nível, etc. (Eichkoff, PARALELO DAS LÍNGUAS DA EUROPA E DA ÍNDIA); de tal radical se formou o termo *açva* ou *akva*, que vimos ser a designação inicial daquela plataforma primitiva de que o guerreiro se servia para criar para si próprio uma *superioridade de posição* sobre o seu adversário e que se aplicou simultaneamente ao uso de tal meio, com vista a tal fim (o termo *akva* deve pronunciar-se «êqueve»).

Verificámos que mais tarde a *akvas* começou a deslocar-se no campo de batalha, por lhe terem sido apostas umas rodas e aplicado um motor; e a esta possibilidade de translação do guerreiro, sem ser pelos seus meios orgânicos privativos, aplicou-se o mesmo vocábulo, também designativo do acessório motor, o então recentemente domesticado (expressamente para êsse fim) mamífero, hoje taxinômicamente descrito sob a designação de *equus*, e que foi necessariamente considerado como parte integrante e indispensável do carro de guerra.

*Akva* vem pois a ser tudo o que se relacione com



aquelas idéias de altura, proeminência, diferença de nível, e, mais objectivamente, qualquer forma de tirar partido de uma superioridade de posição relativa, qualquer plataforma, apoio, suporte, base, andaime, fixo ou móvel, de qualquer natureza, e ainda todo o agente criador do movimento desse meio; *akva* é, portanto, estruturalmente, um fim procurado (um conjunto de finalidades) e, acessoriamente, a designação global de todos e de todo e qualquer dos meios utilizados para a realização do almejado fim e alcance do desejado objectivo (uma sucessão de coisas, atenta a evolução técnica).

Aquêle fim procurado é universal e permanente; todos os contendores procuram sempre actuar «de cima para baixo» sobre o adversário; numa contenda de macacos dentro da jaula de um jardim zoológico, cada um procura trepar pelas grades, para daí se arremessar contra os seus contendores; em qualquer luta de taberna, os presentes sobem rapidamente para cima de mesas e de bancos, num invencível instinto de procura de vantagem.

Não se deve também estranhar, numa língua em formação, a multiplicidade de significações do mesmo vocábulo; é peculiar a todos os idiomas, como é natural, esta pobreza dos seus léxicos primitivos.

Não sabemos se os aborígenes europeus (se os houve), seja, os povos celtas, germanos e eslavos, os escandinavos e outros já desaparecidos, conheceram o equino antes de os asiáticos o terem trazido até à Europa, durante as guerras médicas; dados os muito diferentes vocábulos designativos daquele animal nas línguas europeias (saxónicas, anglo-saxónicas, germanas, eslavas e escandinavas), parece ser de admitir que tais povos o conhecessem, independentemente da acção que, na difusão dos equinos na região mediterrânea, tiveram as populações orientais. É porém por intermédio das nações mediterrâneas que a civilização chega até nós, principalmente através dos romanos e, conseqüentemente, dos

gregos; interessa-nos portanto saber o que lingüisticamente se passou com a designação do equino, na Grécia e na República Romana.

Os gregos já tinham uma ciência privativa, quando o seu território foi invadido pelas tropas asiáticas; e a sua adiantadíssima cultura físico-matemática causando forçosamente benéficos resultados sobre a formação da língua e resultando até num admirável poder de síntese, o novo animal passou a ser imediatamente designado pela posição que ocupava em relação ao «sapiens» que o conduzia e dominava, isto é, pelo termo *hipo*, que hoje, ainda com a mesma significação (como não podia deixar de ser), é um importante elemento de composição em tôdas as línguas que receberam a influência grega, directamenté ou via Roma; *hipo* indica o que está abaixo de, o inferior, o denominador, o que não vale ou o que não faz tanto, o que produz menos do que aquilo que deveria produzir, o dominado, o mais baixo, etc.

Não estavam os romanos tão adiantados como os gregos quando lhes foi dado conhecer o equino (por intermédio destes, dos sicilianos e dos cartagineses); já se indicou como, segundo as regras gramaticais latinas, o termo sânscrito *akva* deu origem aos latinos *equa* e *equus*, respectivamente para a fêmea e para o macho; a fêmea foi sempre designada por tal nome, mas para o macho aparece, a par do termo *equus*, mas muito raramente, o termo *cavallus* ou, mais correntemente, *caballus*, cuja explicação é interessante — reconhecidas as péssimas conseqüências da existência, nas fileiras das centúrias, de equinos machos inteiros, em determinada altura, as *gentes* eram obrigadas a fornecer, para montada do *equites* que apercebiam, um *caballus*, seja, um equino de fileira, convenientemente castrado; *caballus* significava pois equino macho castrado, enquanto *equus* se reservava para designar o animal inteiro. No entanto, nas inúmeras descrições das constantes campanhas romanas, se



bem que os componentes das *centuriæ* fôsem todos *caballi*, isto é, castrados, é normalmente usada a designação geral, mais tarde utilizada pelos zoólogos.

No entanto, esta duplicidade de formas latinas veio gerar, na nossa língua, uma irregularidade morfológica; com efeito, enquanto reservamos para a fêmea o seu nome natural latino (égua), uma vez abrandado o *q* em *g*, segundo as regras gerais, aplicamos ao macho (que deveria denominar-se regularmente éguo) o termo *cavalo*, restricto, e que mais directamente se refere à sua utilização como animal combatente, elemento integrado perfeitamente na primitiva *akvas* dos povos de línguas sânscritas.

Directa ou indirectamente, o radical sânscrito *kv*, com a sua significação peculiar, determinou o aparecimento, no nosso idioma, de bastantes formas morfológicas — cova, cavar, côvado, cavalo, cavalete, cavalitas, cavalaria, encavalitar, etc. — tôdas elas encerrando idéias de altura, diferença de nível, meios ou formas de a obter ou utilizar, e numerosas expressões — a cavalo numa cadeira, a cavalo numa bicicleta, a cavalo no combóio, um monte a cavaleiro de uma estrada, enxertar em cavalo, dar cavalaria, cavalo de batalha (na acepção de argumento, apoio constante), etc. — umas significando a citada possibilidade de estação ou de translação parasitária, outras referindo a mesma idéia de diferença de nível, domínio pela posição relativa, moral, material ou mental, comandamento, etc.

Portanto, Cavalaria é, filològicamente, a utilização, de qualquer natureza, contanto que garanta o fim em vista — maior possibilidade de acção, melhor rendimento do esforço —, fim que de facto é, na realidade, a verdadeira essência do significado do termo; semelhantemente, cavalo é todo e qualquer apoio, fixo ou móvel, destinado à obtenção daqueles procurados fins; e, no caso de ser móvel, cavalo é ainda não só o apoio, como o meio activo da sua possibilidade de

movimento — e examinem-se de facto, neste sentido, os amplísimos empregos dos termos citados, na arquitectura, na construção civil e militar, em agronomia, em tôdas as artes e ofícios e em todos os domínios da expressão.

Nestas condições, pode afirmar-se que o éguo é de facto um cavalo, mas que a recíproca não é verdadeira — nem todos os cavalos são equinos. É assim, e por isso mesmo, que se diz, com tôda a propriedade, que *o éguo tem sido, desde há muito tempo, empregado como cavalo* mas que se deve também estabelecer, e isto com segunda intenção, *que depois de ter sido praticada, durante dezenas de milênios consecutivos, sem o concurso do éguo, a forma de combater conhecida pelo nome de Cavalaria o veio a utilizar largamente, no decorrer de cerca de sete milênios, acabando, em meados do século XX, por abandoná-lo por lhe não convir como cavalo, na altura em que circunstâncias de vária ordem obrigaram a Cavalaria a procurar, a adoptar e a usar cavalos com qualidades que os equinos já lhe não podiam garantir.*

### Mas afinal... o que vem a ser cavalaria?

O problema tem de ser sucessivamente encarado sob o ponto de vista material e debaixo do aspecto espiritual; faça-se, inicialmente, o estudo material da coisa.

Analizem-se, sob o ponto de vista material militar, os factos históricos e lingüísticos referidos anteriormente.

Cavalaria era, na guerra primitiva, a forma de combater usada durante dezenas de milênios, em que, mercê de uma plataforma, morro artificialmente criado num ponto interessante, o guerreiro obtinha para si próprio uma superioridade de posição sobre os seus adversários; é desnecessário afirmar militarmente a importante vantagem derivada desta



superioridade de posição, não só sob o ponto de vista físico, como ainda no domínio moral; desde o combate individual (na guerra ou fora dela) como já se exemplificou, até ao combate em conjunto (sempre somatório de esforços conjugados), cada um procura sempre dominar o inimigo pela posição que em relação a êle ocupa.

**A primeira característica da Cavalaria é a sua POTÊNCIA DE POSIÇÃO.**

Ao cavalo então usado (simples plataforma fixa) sucedeu, por uma simples aposição de rodas (a então mais recente



Carros de guerra dos purstas, de tracção bovina.

invenção do homem, expressamente procurada para êste fim), o famoso carro de guerra, que veio criar à Cavalaria uma nova e importantíssima possibilidade — a de deslocação no campo de batalha, à custa de um meio qualquer, sempre integrado no cavalo, movimento durante o qual o *comandamento básico* e, conseqüentemente, tôdas as vantagens da posição se mantinham; do escravo inicialmente usado como agente de tracção do carro de guerra, passa-se a outro motor animal mais poderoso, mas sempre integrado no cavalo e designado até pelo mesmo nome, se é que anteriormente não tivesse designação privativa; começam a utilizar-se, como cavalos, bovinos (!!), equinos, elefantes e camelos.

**A segunda característica da Cavalaria é a sua POTÊNCIA DE DESLOCAÇÃO.**

Fixe-se porém que a característica básica, a finalidade essencial, o objectivo n.º 1, é a posição; a segunda propriedade deve compreender-se como sendo *a manutenção da superioridade de posição, durante a deslocação.*

Em determinada altura, os guerreiros dos carros — homens que combatem dominando os seus adversários pela superioridade da sua posição, artificialmente obtida, e que conservam, a par dessa vantagem, a possibilidade de a manterem durante as suas deslocações no campo de batalha, deslocações para as quais possuem meios especiais privativos, altamente rendosos e que lhes não exigem, a êles guerreiros, esforços de tracção (olhai, olhai, que parece que estou falando das guarnições panzer...) — os guerreiros dos carros acabam por colocar a sua primitiva plataforma (concreta ou abstractamente) sôbre o dorso dos éguas, até aí utilizados como agentes de tracção dos seus engenhos, no que eram exclusivamente empregados (foi exactamente para êsse fim que o homem teve o trabalho de os domesticar), e daí em diante usados directamente como cavalos.

A adopção desta forma de utilização de tais animais, meios excepcionalmente aptos, naquele tempo, para os fins em vista, veio consolidar a *potência de posição* (e garantir-lhe até mais estabilidade) e reforçar a *potência de deslocação*, características da cavalaria, anteriores à adopção do éguo até como agente de tracção, quanto mais como agente de condução do cavalo; e a cavalaria, que já existia e combatia muito antes do conhecimento e domesticação dos equinos, agora amplamente alargadas as suas possibilidades, continua mantendo-se — como sempre — se bem que substitua os seus meios de acção por outros bem diferentes, e toma então um novo aspecto particular, a Cavalaria Equestre,



sucessora da cavalaria dos carros de guerra e da cavalaria dos elefantes e dos dromedários de guerra.

### A doença da cavalaria

A técnica — a incansável técnica — ainda que mediocremente desenvolvida, começou produzindo armas brancas cada vez mais poderosas; e perante a actuação dessas armas brancas, a cavalaria eqüestre começou reconhecendo a dificuldade da manutenção da sua potência de posição, que os da cavalaria pretenderam preservar por dois sistemas diferentes.

Procuraram uns ressaltar a sua posição protegendo-se com escudos e couraças, que depois alargam ao seu cavalo — o equino —, conservando, com êste alargamento, a sua potência de deslocação, sem a qual a coisa deixava de ser cavalaria, mas limitando-a grandemente, pois a aptidão mecânica do éguo era já insuficiente para o esforço total que lhe era imposto — mas de transformação em transformação, reconhecida a inviabilidade da protecção total, a solução vem a resultar numa nova propriedade da cavalaria, a *massa*, explorada, evidentemente que no seu aspecto moral, com muita habilidade, nas célebres cargas ao trote, à Lassale.

Outros pretenderam manter a sua potência de posição à custa das suas possibilidades de movimento, procurando actuar só nos momentos convenientes e inesperadamente, e adoptando uma *irregularidade sistemática*, que veio a redundar no culto do efeito da *surpresa* — a propriedade táctica actual mais importante da cavalaria.

Mais tarde, os primeiros reconhecendo, como nós hoje também reconhecemos, que escudos e couraças eram simples subterfúgios quando combinados com o motor orgânico então usado e correspondiam evidentemente à primeira fase invo-

lutiva da cavalaria eqüestre, acabam por abandonar aquêles meios de protecção.

Não vou agora referir o que se passou relativamente ao aparecimento das armas de fogo e sobretudo, ao «acontecimento das armas automáticas».

«Finis, ces coups de foudre...», escrevia-se a propósito da cavalaria, em 1917.

Com efeito, a finalidade n.º 1 da cavalaria, a sua potência de posição no combate, estava definitivamente perdida pela cavalaria eqüestre, que só episòdicamente a conservava; a cavalaria eqüestre passou a combater normalmente a pé, sem vantagem de posição e de deslocação no campo de batalha, isto é, perdeu, pela sua vulnerabilidade, as duas suas características básicas — a *posição* e a *deslocação* no campo de batalha, durante o combate, no corpo a corpo.

Nada mais do que infantaria montada, diziam muitos; bem diferente de uma infantaria montada, exclamavam alguns — os últimos guerreiros do éguo; um pouco mais do infantaria montada... a realidade.

E a cavalaria eqüestre entrou na agonia; a idéia base, a requerida *posição* dominante era-lhe indispensável; na cavalaria eqüestre, se cavalaria ela queria continuar a ser, *precisava* manter-se, realmente, o *domínio pela posição e pela deslocação*; dado o aumento da potencialidade de ataque das armas de fogo, isso só se conseguiria mediante a adopção de escudos e couraças semelhantes àquelas usadas em tempos idos, mas muito mais poderosas; a solução era incompatível com o uso do éguo.

A cavalaria eqüestre entra francamente em involução, arrasta-se durante alguns anos profundamente doente, procurando com meios privativos de fogo anular a inibição que êsses mesmos meios lhe impunham, quando usados pelo adversário; estávamos perante novo subterfúgio... francamente insustentável.



Como preservar a *posição* contra essa acção inimiga? Pelo uso de fortíssimas couraças e blindagens?

Ainda que o éguo as pudesse suportar, como garantir a *deslocação*?

Como deslocar aquelas indispensáveis massas protectoras, para que a cavalaria continuasse aparecendo no campo de batalha?

Era esta dificuldade a verdadeira doença da Arma que, julgando-se *filia equorum*, julgava ser forçosamente *equestre*. Mas não.

E foi este o lamentável erro em que se caiu...

Eis que vamos chegando ao momento presente; mas o tempo que pare um pouco...

### Aquêles homens estão perdidos...

Era assim que dizia Lassale...

O éguo, largamente designado por cavalo em virtude de ter sido meio acessório, e depois essencial, de uma forma específica de combater, a cavalaria, o pobre éguo e a sua consorte já não podem, no momento da evolução técnica em que nos encontramos, garantir normalmente as duas pedras de toque, as duas condições *sine-quæ-non* da Nossa Arma; e se nós, *homens de cavalo*, retrógrados, teimosos ou falhos de visão e de inteligência, pretendermos conservar o triste éguo, **OUTROS VIRÃO QUE NOS TOMEM OS MEIOS QUE HOJE CORRESPONDEM CABALMENTE ÀS NOSSAS FINALIDADES** — a potência de posição e a potência de deslocação; e nós, abencerragens do éguo, que sobre nós pesa como um terrível pesadelo, um poderoso ananké que nos estrangula, *desapareceremos tolamente agarrados ao éguo* ou iremos fazer *operações de polícia*, como toda a cavalaria equestre germânica na guerra actual, nos últimos tempos

empregada como *meio de recurso* — numa atitude mais própria de velhos maníacos coleccionadores de raridades ou sócios de qualquer louvável protectora de animais, do que de **homens que têm à sua responsabilidade a manutenção da integridade territorial de uma Nação, cuja História obriga, e nos impõe, que troquemos paixões profundas, simples inclinações ou meras conveniências pessoais, pela fatal realidade das coisas.**

Quando um fato, por mais cuidadoso que seja o que o use, se começa a romper constantemente; quando uma organização social, por mais remendos legislativos que lhe apliquem, se revela impotente; quando uma máquina, apesar de lhe substituírem amiudadas vezes as peças, os óleos e os regimes de trabalho pesados, começa a avariar de onde em onde — é fatal a conclusão: o fato está velho, a máquina está arruinada, a organização está fora do seu tempo. Isso se vem notando na cavalaria equestre, remendada organização (como se verá), actual forma em crise da **CAVALARIA DE SEMPRE.**

Ora «crescer e declinar, tal é o destino de todas as instituições humanas, boas enquanto consoantes ao tempo que as produziu, mas inoportunas logo que os tempos mudam. Se soprardes uma brasa que tem de arder, fareis brotar uma chama; mas ninguém poderá evitar que ela se consuma, a não ser que a apague, morrendo com ela a vida. Há quem imagine que conservando-se as coisas no seu primitivo estado, é possível evitar o mal superveniente — erro! Transmudam-se as condições, fenece o que é antigo e, se acaso se repudia o novo, da primitiva constituição nada mais fica senão a parte carunchosa, nada mais subsiste senão um vão simulacro, incapaz de reproduzir o bem de outrora ou de remediar o mal actual. Enjeitai as reformas solicitadas e nada mais alcançareis do que corromper a natureza, como uma erupção cutânea se torna mortal, desde que a fazeis recolher. A imo-



bilidade nas instituições não é menos funesta do que a falta de instituições:..... etc.» escrevia, há perto de um século, um historiador católico... que... seria natural que tivesse estudado bastante História...

É a fatalidade da evolução, a que muitos julgam poder fugir, entravando-a com subterfúgios; êsses são os que justificam as revoluções ou originam os desastres, quantas vezes irremediáveis...

Por outro lado, repare-se que em qualquer evolução, qualquer que ela seja, mantem-se sempre inalterável a idéa, cada vez mais bem expressa, da finalidade procurada, que é o próprio sentido e causa da evolução, sua potência modificadora, sua impulsividade dinâmica, em última análise, a *causa efficiens* da coisa evoluída; a partir do momento em que essa coisa que evoluciona deixa de dirigir-se no sentido da sua própria finalidade, a evolução cede o lugar à involução, o progresso é substituído pela regressão (tendo a rotina por fase intermédia) e a coisa é conduzida à sua remota origem, *ao que era antes de ser* — ao nada absoluto. Se na evolução dos *organismos*, a par daquela actividade de procura de plenitude (adaptação), existe também uma força retrógrada (hereditariedade), uma semelhança necessária com o anterior, de que o existente depende, por fatalidade tocogónica, semelhança que funciona como potência moderadora, estática, diminuidora da eficiência da adaptação, reguladora da modificação — *natura saltus non facit* —, nas míseras criações do homem, nas *organizações* (e aí a diferença característica), as várias fases evolutivas correspondem somente à utilização de novos meios ou sistemas, ainda que sem relação com os anteriormente empregados, mas que, garantindo cada vez mais possibilidades no sentido da finalidade, realizam constantemente, a todos os momentos, a idéa criadora.

Com efeito, porque se trata de coisas de ordem expressamente material, na sua organização, amplamente verificáveis

no domínio físico-matemático e não de assuntos transcendentais ou hiper-científicos, àcerca dos quais se poderia apenas estabelecer meras hipóteses, a impulsividade dinâmica confunde-se de facto com a actividade estática, criando uma verdadeira noção de *equilíbrio dinâmico*, já entrevisto pelos modernos físicos e que, prática e objectivamente, corresponde a uma *evolução dos meios conjugada com uma constância de processos* (não confundir processos, com fins; constância, ou melhor, permanência de fins há sempre, em qualquer caso).

Cavalaria é um fim constante — a *posição deslocável*; a plataforma, o carro, o elefante, o camelo, o éguo (cavalos vários utilizados até hoje), foram simples meios acessórios, episódicos, usados enquanto permitidos pelas várias condições do seu emprego e *na falta de outros meios mais rendosos perante o fim em vista*. A finalidade mantem-se sempre; o meio material altera-se; a forma de acção permanece também (constância de processos), no sentido da finalidade, que é a própria razão de ser; assim, temos de reconhecer implicitamente que a chamada cavalaria não é caracterizada pelos meios materiais de que dispõe, mas sim pela sua forma de acção, isto é, que a cavalaria não se resume a um complexo orgânico, conjunto de meios, mas sim a uma tática, conjunto de formas, complexo de funcionamentos, tática que se tem mantido e se manterá, no sentido da sua finalidade, e independentemente dos meios de que, em determinado momento dispuser e que *têm de ser* aquêles que, nesse ponto da sua evolução, lhe garantam a continuidade da sua *potência de posição* e da sua *potência de deslocação*.

Usou plataformas, carros, elefantes, éguas e camelos, usou lanças e petrinais, sabres e carabinas, metralhadoras e morteiros, fêz o *caracol*, carregou a trote e combateu apeada — e foi sempre cavalaria.

Neste momento crítico deixou na realidade de o ser.



Porquê?

Por que razão é que aquêles homens — os homens do éguo — estão perdidos?

*Por usarem um meio que já não deviam usar e, simultaneamente, por não adoptarem meios que deviam adoptar.*

### Cavaliarizemo-nos... à século XX!

Verifiquei a doença e procurei a causa; auscultei profundamente a doente, fui nesse exame até aos seus mais longínquos antepassados — até à pré-história; radiografei, analisei sangue, escarros, urinas e fezes; purguei-a... em 1937; observei-a constantemente durante anos seguidos; tomisei-a de alguns prejuízos que continha; lavei-a, vesti-lhe roupa branca, estudei-a cuidadosamente e fiz-lhe a psicanálise.

Acabei por diagnosticar a doença e indicar o remédio; confirmei o diagnóstico anterior e terminei por chegar ao prognóstico.

Era indispensável o remédio heróico — couraças e blindagens; mas observei paralisia total; a cavalaria transformar-se-ia na *fortaleza fixa* — aspecto, século XX, da remotíssima *akva* dos orientais.

Hoje disponho já de novos meios terapêuticos; graças a *determinadas organizações técnicas*, a doente poderá reviver, recuperar a sua potência de deslocação, conservando as suas blindagens e, portanto, a sua potência de posição; graças a tais organizações técnicas, faço à minha *fortaleza fixa*, o mesmo que os guerreiros orientais fizeram à sua *akva* — aponho-lhe umas rodas e uns motores convenientes; por estes meios, da mais moderna cirurgia militar, e só por eles, que me permitem realizar a *fortaleza deslocável*, a cavalaria

renasce, sem subterfúgios, no século XX, grandemente aumentadas até as suas possibilidades anteriores; ela continuará a ser, como até aqui, **A VERDADEIRA CONDUTORA DA GUERRA!!!**

Não estranhem a afirmação; se não fôsem os factos... eu me encarregaria de vo-la comprovar; mas julgo que essa demonstração será desnecessária, tal acuidade com que os factos a apontam, até àquêles que os não querem ver; para êsses irão, na devida altura, os meus argumentos, os meus últimos cartuchos... de uma pequena cartucheira extra... se é que até lá os factos me não dispensem disso.

Na fase técnica actual — «tôda a técnica ensina a maneira de obter o melhor resultado à custa do menor esforço» (Berdiaeff — O HOMEM E A MÁQUINA), — na fase técnica actual, as idéias essenciais da Nossa Arma são realizadas pela Aviação, a Cavalaria do Ar, e pelos engenhos blindados, os actuais carros de combate, a Cavalaria Terrestre.

Que aliás a coisa já estava de há longos anos enunciada...

Mas afinal, que vem a ser o decantado carro de combate?

Porque se não trata aqui de intenção de vulgarização técnica, não farei quaisquer descrições sobre as organizações técnicas, *actuais cavalos* da Nossa Arma, nem sobre as suas características — bastar-me-ia copiar, traduzir ou adaptar, da vasta bibliografia que, sobre o assunto, tenho à minha disposição; mas eu, por agora, como é fácil de compreender para quem me compreenda... dispenso-me êsse trabalho mecânico; trabalhando, neste momento, como organismo que sou, não abro mão dessa minha *natureza* para me limitar a ser simples peça de uma organização — a organização militar.

Aliás, a meu modo, vou responder à minha complicada pergunta.

Eis aqui o que é o carro de combate, o blindado dos nossos dias — um homem, um grupo de homens protegidos



por blindagens (um guerreiro medieval com suas couraças); um motor que propulsiona, que garante ao homem, ao grupo de homens, constantemente protegidos pelas blindagens, movimento de translação (um guerreiro medieval com o seu equino); uma arma, um grupo de armas, meio ofensivo (um guerreiro com a sua lança). Estes os elementos materiais da coisa; os elementos espirituais merecem referência especial... especialíssima até.

O couraceiro substituiu a sua lança por metralhadoras e canhões, com muito maior poder de ofensividade; trocou o seu éguo por um motor mecânico, com muito maior potência de movimento; abandonou a sua couraça de lavrados por uma blindagem muitíssimo mais poderosa, o que lhe garante um mais elevado grau defensivo — de resto, tudo continua na mesma.

O homem, animal pacífico por excelência, não está dotado de armas naturais; nem extremidades duras para o coice, nem dentes acerados para a dentada, nem cornos para a marrada, nem veneno para a picada — mas com o que tem, unhas que arranham, dentes que mal podem morder (por não estarem na extremidade de um focinho), mãos para a bofetada e para o murro, pés para o pontapé, braços para dominarem o seu adversário, pode bem lutar, pode bem ferir, pode bem esmagar.

Porque é essa a lastimável regra — o prejuízo animal, o vergonhoso instinto primitivo, ainda não educado, ainda dominante; de facto, com que máguia se reconhece, «a nossa civilização foi aparecendo no tempo como resultado de um *processus* de força»; foi o *macho combatente*, o ferocíssimo homem, a fera das feras, o supremo da maldade, que cunhou as instituições que criou, com o espírito de guerra e com a arraigada crença na força — princípio último do Mundo, até aos nossos dias; civilização terrível, espírito passageiro, sim...

mas civilização existente, espírito da época. Educar os nossos filhos, eis a questão; a tendência do homem educado deverá contrariar essa realidade; não porque seja homem, sim por ser educado... As religiões — ânsia constante de aperfeiçoamento — e a educação — esforço constante de melhoramento — trabalham louvavelmente nesse sentido; com elas devemos estar, pelo coração e pelo cérebro; mas temos de reconhecer tristemente os factos, como Benjamim Kidd no célebre *THE SCIENCE OF POWER*, de que se fizeram algumas transcrições.

E é assim que eu reconheço que o macho combatente procura sempre aumentar a sua potência — e torna mais compridos os seus braços, com a arma branca, e procura aumentar o seu comandamento, a sua altura, para melhor dominar o adversário, e adopta a plataforma, a que adapta depois rodas, para a deslocar para os pontos interessantes do campo de batalha, e quer proteger-se dos golpes das armas do seu inimigo e começa a usar escudos e couraças; porque viu depois um quadrúpede dominável, com bastante mais força que o escravo, fez a natural substituição; e adoptou também outros animais... adoptou tudo o que lhe garantia a vitória sobre o seu inimigo; viu os fins, não olhou aos meios; utilizava os materialmente melhores. Foi sempre assim, sem qualquer limitação...; oiça-se o que êles dizem — *está enganado o que supuser que hesitaremos em lançar mão do meio que nos garanta a vitória, seja êle qual fôr.*

E eis a união do Homem com o éguo, o melhor motor do seu tempo; e eis, simultaneamente, a extensão do Homem pela arma e a protecção do Homem pela couraça.

O constante desejo de aumentar a sua potencialidade, pelas armas usadas contra o inimigo, pela sua posição relativa ao adversário de momento e pela sua possibilidade e facilidade de deslocação — resultou no conjunto *couraça-éguo-carro*.



Depois, e só muito mais tarde, o Homem bifurcou o seu motor, criando assim o *carro individual*, o conjunto *couraçado-égua-lança* — a tankette, ideal da actual mecanização.

Esta associação de meios permite possibilidades que o Homem não tinha quando combatia sem motor; agora, pode ir, bifurcado no seu égua, num curto lapso de tempo, daqui até além, e pode actuar, em muito melhores condições, quando o seu inimigo menos o espera; é a noção da surpresa, que já referi atrás; e, com ela, é a noção da irregularidade, para provocar a surpresa, da acção arriscada, inverosímil para o inimigo, para o surpreender mais completamente — fazer o impossível, o que vem redundar na bravura — é a noção da decisão e do desembaraço, para aumentar o efeito da surpresa, é a emulação, verdadeira exploração do donjoanismo pessoal, é finalmente, a noção da combatividade, iminente agressiva, para engrandecer os triunfos alcançados — tudo decuplicado pela influência *moral* da posição, que chega a confundir-se, como durante um largo período da História da humanidade aconteceu, com uma tendência espiritualista completamente independente do uso de égua, porque é privativa do Homem e de que, a seu tempo, me ocuparei.

Foram rapidamente enumeradas as características materiais e éticas do famoso conjunto *couraçado-égua-lança*.

Já há bastante tempo que a espada enferrujada foi substituída pela metralhadora e pelo canhão; o égua — é agora substituído pelo *motor mecânico*, a impotente couraçado trocada pela blindagem poderosa; novos meios, ou melhor, novo aspecto dos mesmos meios, a mesma finalidade, os mesmos processos.

A *posição* já não é o simples comandamento, insustentável a peito descoberto; é o comandamento protegido — mas é sempre a *posição*; a *deslocação* já não é o vagaroso

movimento do égua — os ridículos sete quilómetros por hora, os *românticos* trinta milhares de metros por dia — triplicou, quintuplicou, decuplicou, num crescendo de possibilidades e de dificuldades, num crescendo de exigência de qualidades... mas continua sendo a *deslocação*.

Blindagens, metralhadores, canhões e motores, para que resultados dêem, *para que resultados possam dar*, necessitam indispensavelmente, exigem absolutamente uma muito maior dose daquela agressividade combativa, decidida, impetuosa e irregular, uma muito maior quantidade daquelas qualidades que immortalizaram os Ney, os Lassale, os Mousinho e os Seydlitz, um muito maior emprêgo à cavalaria, à *akva* dos orientais.

E por isso, a nós outros, cavaleiros, a nós outros, homens de cavalo, a nós, tropas de cavalaria, a nós outros, os de *formação cavaleira*, todos esses cavalos, todos esses engenhos, todos esses carros, *que de facto nos pertencem* — porque só nós somos capazes de os aproveitar convenientemente, porque só nós estamos preparados para os empregar com a mesma oportunidade e decisão com que os Nossos Avós na Arma utilizaram os seus bucéfalos e rocinantes — porque os carros são os três mil cavaleiros de Dwerniecky e são os que foram de Tomazow às portas de Varsóvia, porque os carros foram os que, lançados inesperadamente sobre Pinsk e Brest-Litowsk, fizeram etapas de trezentos quilómetros, porque os carros são os que, combatendo no exército de Blaskowitz, rodaram actuando, a cinquenta e a oitenta quilómetros à hora, porque os carros são o meio reclamado pelo espírito altamente cavaleiro de um Malakowiesky, de um Aníbal e de um Scipião, porque os carros são, de facto, a verdadeira cavalaria do nosso tempo, porque os carros são, eles e só eles, as nossas ferramentas, no ponto em que hoje estamos na constante evolução da idéia inicial — *posição, deslocação*.



A França deu os seus carros à Infantaria; a Alemanha deu os carros à sua Cavalaria.

Na Alemanha, de toda a sua numerosa Cavalaria Eqüestre, conservaram-se cerca de cem ordenanças e estafetas hipo, esclarecedores e exploradores, por cada Divisão inicial, e a Brigada da Cavalaria da Prússia Oriental — de cuja actividade a REVISTA DA CAVALARIA tem publicado algumas fotografias, e que se encontra fazendo serviço de policiamento nas regiões polacas e russas agora ocupadas (vejam-se, nas fotografias publicadas, o armamento, equipamento e arreios das tropas e dos elementos representados... e conclua-se qual a missão de guerra que lhes foi atribuída...); recentemente, devido ao aspecto, completamente inesperado para os germanos, que o conflito pan-germanismo — pan-eslavismo (o histórico conflito) foi tomando, os invasores, esgotada a sua capacidade terrestre ofensiva século XX — ou pelo menos grandemente limitada — recorreram à sua Cavalaria Eqüestre, ou melhor, improvisaram uma Cavalaria Eqüestre, como meio de recurso; na realidade, na grande parte das fotografias que tenho visto distingo não só nos arreios, armamentos e equipamentos, como também na característica silhueta dos homens, o perfil inconfundível do que não conhece as mais elementares regras da Nobre e Liberal Arte de Bem Cavalgar; é assunto a tratar no próximo episódio CAVALARIA NOVA.

Não quero fazer aqui a exposição detalhada da evolução orgânica do exército germânico; aliás, devo informar que, segundo Carrias (O EXÉRCITO ALEMÃO, Paris, 1940), a percentagem das tropas eqüestres, em relação ao efectivo total previsto, que era em 1914 de cerca de 6,3 %, baixou em 1939, para 0,4 %, isto é, sofreu uma redução, relativamente a si própria, de 93,7 %!!

Nos Estados Unidos da América do Norte distinguem-se já nitidamente duas formas distintas da cavalaria —

a actual, que podemos designar por *cavalaria blindada*, e a caduca, que aqui tenho vindo chamando *cavalaria eqüestre*; é de citar, a este respeito, o recente estudo COMBAT COMMUNICATION FOR REGIMENTS AND SMALLER UNITS OF HORSE CAVALRY, de Terry Allen, tenente-coronel do 7.º Regimento de Cavalaria; e cita-se a coisa pela novidade no título e só por isso.

Éguas, caminhões de transporte, viaturas todo o terreno, motocicletas e motocarros — tudo isso serão meios orgânicos próprios de qualquer outra Arma, nanja da cavalaria.

À cavalaria pertencem, única, pura e simplesmente, as viaturas blindadas, e só estas — as únicas que lhe garantem, no campo da batalha, a sua *posição* e a sua possibilidade de *deslocação*.

Ou lhe são dados aquêles meios de acção... ou ela morre — é este o verdadeiro dilema...

No nosso País há uma unidade de carros de combate, que ficou adstrita à Arma de Infantaria; não é de admirar... pois, no nosso País, matéria regulamentar de há poucos anos, entregava carros de combate... à Artilharia!!!

Por pouco não era à Manutenção Militar!!!

Estamos porém ainda a tempo de fazer transitar os engenhos existentes, para o pessoal da Arma a que eles de facto pertencem, a Cavalaria, cujas unidades deverão abandonar os seus ex-cavalos (os éguas) e receber os seus actuais cavalos (os gasoblindados).

É assim é que é!!!

Cavaliarizemo-nos pois... à século XX!!!

Os éguas morreram; vivam os gasoblindados!!!



De profundis!!!...

Os éguas nada mais são, hoje em dia, para a nossa Cavalaria, do que possíveis e fracas rações de carne, desprezíveis elementos dos anacrônicos rebanhos de reabastecimento, ridículos meios de recurso, ou lastimáveis e pouco rendosos agentes de transporte, em circunstâncias particularmente especiais e em regiões que não existem no nosso País e onde nunca se desenrolam operações importantes!!!...

Aleluia!!!...

Os nossos cavalos, Senhores Cavaleiros de 1940, são os **NOSSOS carros de guerra!!!**

**ESTA É A PRIMEIRA VERDADE SÔBRE A CAVALLARIA!!!**



## PARTITURA FINAL

Passa a matéria, mas o anímico permanece; assim aqui, assim em tôda a parte.

E seja isto escrito em louvor dos que o merecem.

### O espiritualismo da Cavalaria

Prometi — e vou cumprir, com uma intenção especial.

O termo cavaleiro era inicialmente o título correspondente ao desempenho de uma função administrativo-nobiliárquico-burocrática, durante o tempo dos romanos, que o criaram independentemente da sua organização militar; Plínio (LIVRO VI), diz que o título de cavaleiro era uma honra só atribuível aos homens de condição livre (os *ingenui*). Os cavaleiros «prestavam juramento de fidelidade, eram inscritos numa matrícula e recebiam broquel e espada» (Cantú, HIST. UNIVERSAL, IX, 55).

E não quero fazer mais e mais amplas referências...

Mais tarde, durante a Idade Média, aquela noção de nobreza, pelas razões de sobejo conhecidas, fundiu-se com a idéia de combatente eqüestre, e a Cavalaria foi então, essencialmente, uma instituição abstracta, de virtudes morais e cívicas — o culto da valentia, da liberdade e da dignidade humana, da honra, da solidariedade, da delicadeza, do sacrifício, da honestidade, da lealdade, da beleza física, mental e



moral, em suma, de tôdas as qualidades que podem enobrecer o homem, e daí lhe ficou o verdadeiro *espiritualismo cavaleiro*, vulgarmente e mediocrementemente chamado *espírito cavaleiro*, a religião da bravura, da honra, da lealdade, do mérito, do sacrifício e da camaradagem, o gosto pela aventura, pela situação perigosa, o desembaraço, a altivez viril e desempoeirada sem rebeldia contumaz, o amor da responsabilidade, a generosidade integral, a bondade em todos os actos (um bondadismo permanente), a verdadeira *nobreza da Arma*, quantas vezes adulterada, por uma errada interpretação, como sendo intenção «casse-cou» (podemos dizer, estouvada) e que depois veio lamentavelmente a degenerar num estranho complexo de inferioridades, paradoxalmente consideradas qualidades louváveis, num desembaraço físico, fraco, unilateral e sem intenção viril, numa desonrosa industrialização de possibilidades, num donjoanismo desprezível, num exclusivismo terrível, e até, tantas vezes..., no mais categórico desprezo por aquela extraordinária aspiração de beleza moral e mental e... quanta tristeza esta verificação encerra... na própria negação do espiritualismo cavaleiro — em vergonhosa avidez do lucro material, utilizando para isso todos os meios, quaisquer que eles sejam, sem limitação alguma!!!... *tal como os outros!!!*

Era a Cavalaria uma instituição «sans peur et sans reproche», que devia estar *sempre* acima das flutuações do comportamento moral (ou imoral... ou amoral) da vida secular; mas não...

Cá como lá, o mesmo desnorteado esquecimento dos elevados princípios da ética cavaleira!!!

Pobres Cavaleiros de antanho; o mundo ridicularizou as vossas virtudes... e os vossos descendentes, os cavaleiros de agora, deram razão ao mundo e escarneceram-vos, mais ainda do que o mundo — eles desprezaram as vossas qualidades e divinizaram os vossos defeitos; nem tampouco de

vós se recordam... as vossas façanhas nada mais são que pó, fumo e... amarelecidos papéis, que ninguém lê...

Pobre religião da Cavalaria; os vossos servitas neste século... são os vossos próprios ateus!!!

Regressemos porém à Idade Média.

Sofria então a Europa de uma verdadeira neurose cavaleira, um desejo geral de espiritual sublimação; nunca o mundo do Bom e do Belo foi Maior e Melhor — com efeito, o conjunto *courça-égua-lança*, conquista meio mundo, faz e retalha impérios e semeia, *urbi et orbe*, a sua admirável intenção anímica...

Material e espiritualmente, a cavalaria abraça verdadeiramente o mundo; plena de misticismo, *por pouco não se transforma numa extraordinária religião*, notavelmente elevada — e quanto preferível isso não houvera sido...

Dom Quichote foi o último herói da geração dos Cid, dos da Távola Redonda, do Amadis, dos Rolandos, desses místicos, admiráveis e incompreensíveis, da bondade e do sangue, do amor e da carnificina, que informam completamente uma estranha organização social, simultaneamente notável e execrável!!!

E o mundo conservou e «barrocou» o que de execrável ela tinha, abandonando o que de notável nela havia... repito; porquê?

É que, no fenómeno da Cavalaria, estavam outras causas, mais profundas, em jôgo — e foram essas, lastimavelmente, as abandonadas...

As regras éticas foram esquecidas, a intenção espiritualista desceu ao domínio material; fêz-se a côrte à Dona, para obter uma ejaculação, a ambição substituiu o desintereesse — a nobreza espiritual, ridicularizada e escarnecida



pelos que a não compreendiam, a generosidade esmagada pela avidez dos imorais!!!

É esquecidos finalmente os dons espirituais — que hoje só muito excepcionalmente se encontram — julgou-se que os simples actos materiais comuns das duas Cavalarias, a Instituição e a Eqüestre, caracterizavam aquela estimável elevação espiritualista da primeira!!!

Mas não... outras causas (como já disse), outras razões, de outra ordem, a produziam, completamente independentemente dos actos materiais comuns; mas tudo foi tomado pela acção material, e julgou-se ser esta a causa daquela elevação que, mediocrementemente, repito, acharam por bem designar por espírito cavaleiro!!!

Espírito cavaleiro... material!!!

Mas não, Senhores Cavaleiros; não era de ontem, nem é de hoje que, por se bifurcar um bucéfalo, por nêle se galopar, saltar ou comandar tropas, não é por êsse «hábito do perigo», que se alcança, mediata ou imediatamente, aquela nobreza de sentimentos e de volições e de atitudes mentais — não; a Instituição nada tem com a Arma ou com o Desporto; são simples fenómenos paralelos, os três, que podem coincidir... ou nunca se encontrar.

Por mim, «conheço muito mariola que monta muito bem a cavalo (oh!! se conheço), e sei de muito santo varão que, mais do que nunca ter montado, considero integralmente inapto para tal actividade».

Para se ser Cavaleiro, espiritualmente Cavaleiro, *Cavaleiro da Cavalaria*, não basta, nem é preciso, bifurcar-se sofrivelmente um égua — qualquer cigano, qualquer mediocre o faz, e às vezes com bastante habilidade; o que é indispensável e suficiente é tomar-se, em todos os domínios da actividade, aquela atitude espiritualista acima definida —

ser-se grande, generoso, bom, activo, bravo, honrado, desembaraçado, olhar bem de frente o perigo, dizer constantemente e sempre o que se pensa, sem desnecessárias rudezas, ser leal, ser respeitador, ser justo sem dureza, ser caridoso sem moleza... ser tudo o que no Mundo se possa ser de Bom, nada do que de Mau seja possível ser...

De um Cavaleiro se deve dizer, como exclamava o panegirista romano:

Quais as qualidades, que distinguem os homens bons, que este não tenha?

Nenhumas!!!

Quais os defeitos, que caracterizam os maus, que este possua?

Nenhuns!!!

E é isto, na verdade, o que é ser-se Cavaleiro...

Que, ser-se Cavaleiro, é bem diferente de ser-se égua-riço, jóquei, palafraneiro ou «dresseur».

O que, evidentemente, não quer dizer que as duas coisas se excluam; são, porém, completamente independentes...

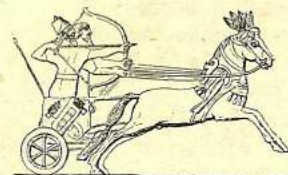
Cavaleiro que seja Cavaleiro, tanto o é às metralhadoras de um avião, como apeado, bifurcado num égua, ou num pôsto de condução de um gasoblindado... isto para falar no domínio da profissão militar...

A questão espiritualista... é que êle seja Cavaleiro...

**E ESTA É A SEGUNDA VERDADE SÔBRE A CAVALARIA!!!**



**Mas ainda há mais verdades sôbre a Cavalaria!!!  
Estão ainda em observação ...**





«A razão tem um império natural;  
resiste-se-lhe, mas nessa resistência  
tem ela a sua primeira vitória...»

(CARLOS DE MONTESQUIEU).

E isto porque,

«É interessante reconhecer que a  
oposição a uma idéia apresentada de  
novo e que contraria a concepção  
existente, tem sido sempre, em todos  
os exemplos oferecidos pela História  
dos factos e das ciências, directame-  
mente proporcional à razão que ela  
encerra e que só depois se lhe re-  
conhece, e atentai que deveria su-  
ceder o contrário.»

(.....?).



O estudo que houve de ser feito para se escrever o que se escreveu, foi começado em Portalegre, em Janeiro de 1934, e terminou em Águeda, em Julho de 1941.

Isto deu muito trabalho, oxalá seja bem compreendida a intenção...



Na impressão e mais trabalhos tipográficos colaboraram: José de Pinho Branco, Ireneu de Lemos, António Costa, Manuel Pedro Baptista Monteiro, Francisco da Silva Bandeira, José dos Santos e António Moreira Pereira (compositores); Anselmo Pinto de Sousa, José Vicente da Silva, António da Rocha Pimenta e Ernesto Augusto de Sousa (impressores), todos sob a direcção de mestre-tipógrafo Manuel Pedro.

A êles, a sua parte.

E essa impressão acabou de ser feita, na cidade do Pôrto, no mês de Novembro de 1941.



O 2.º episódio,

**CAVALARIA NOVA,**

seguirá brevemente.



Substitua-se no texto,

Pág. 22	linha 22	comandante	por	comandamento
» 57	» 30	equites	»	eques
» 58	» 1	os componentes	»	os equinos componentes
» 58	» 27	a utilização	»	a utilização de qualquer cavalo
» 63	» 13	as duas suas	»	as suas duas



FINIS. LAUS DEO.



FINIS. LAUS DEO.



Chico